

Revista **OURICURI**

EDITORIAL

Rosiane Rocha Oliveira **SANTOS**

Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH/UNEB).
Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB). Faculdade
de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE).

Começar uma conversa sobre a recuperação da Caatinga passa não só por compreender sua importância ambiental, mas também por ressignificar o imaginário social brasileiro construído acerca da estética e das características desse bioma. Nesse sentido, é fundamental trazer uma reflexão sobre como esse imaginário construído historicamente desvaloriza ou menospreza a completude e a complexidade que é o bioma Caatinga.

Por isso, é fundamental afirmar que desde o século XVI a Caatinga sofre diversas ações antrópicas de degradação a partir da inserção do gado. Além disso, imagética, musical e literariamente a Caatinga foi pintada, cantada, escrita e midiaticamente veiculada como inóspita, degradante ou, nas palavras de um alemão botânico do século XIX, uma “floresta feia”. Essa noção está arraigada até hoje não só nos discursos como nas práticas sociais e tais perspectivas ainda circulam em ambientes acadêmicos e midiáticos, desfavorecendo a necessária ressignificação desse imaginário social.

Não sem razão, é difícil encontrar falas políticas que incluam a proteção da Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro, como pauta de defesa quando se discutem as questões ambientais. Na verdade, o discurso desenvolvimentista se embasa, de modo geral, na transformação daquilo que era “apenas Caatinga” nas grandes produções monocultivadas, como assumido pela própria Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf). Ou, por outro lado, nas falas populares e midiáticas faz-se um esforço para dizer que, quando chove, a Caatinga fica bela.

Desse modo, tanto acreditar que se pode derrubar a vegetação desse bioma para a produção irrigada, quanto esforçar-se para dizer que há ali uma beleza

esperando para desabrochar, apenas quando chove, faz parte do mesmo imaginário social constituído pela noção de beleza espelhada em padrões que não podem ser divergentes dos modelos de florestas que ficam verdes em todas as estações.

O que ocorre na reprodução desse discurso é evocação daquilo que foi deliberadamente criado e disseminado, primeiro com a ideia de civilização, posteriormente com o discurso do progresso e, mais recentemente sob a justificativa do desenvolvimento.

Assim, tendo o discurso de pouca ou nenhuma beleza e como desfavorável ao desenvolvimento, validou-se a prática da devastação da Caatinga desde o século XVI e, por isso, atualmente é um dos biomas mais devastados e o que possui maiores índices de desertificação, segundo o estudo de Costa et al (2021). Além disso, o estudo de Sampaio; Freitas (2017) reforça a noção de que a vegetação do bioma Caatinga não é uniforme. Ou seja, ao se falar da vegetação do bioma é mais acertado falar em Caatingas, inclusive para entender os limites e potencialidades do bioma em suas diferentes formas de apresentar a fauna e a flora.

Entretanto, se há, por um lado, estudos de universidades, órgãos como a Embrapa e, até mesmo legisladores apontando os riscos que o bioma sofre, há também interesses do grande capital atravancando as possibilidades de conservação e recuperação de áreas importantes do bioma. Isso se materializa no arquivamento de Projetos de Lei (PL), como o PL 9076/2017 que apesar de dispor sobre a conservação, a restauração e o uso sustentável do bioma Caatinga, foi arquivado na câmara dos deputados, bem como na morosidade em que se encontra o PL 222/2016 que institui a Política de Desenvolvimento Sustentável da Caatinga, com vistas à preservação do meio ambiente, à erradicação da pobreza e à redução das desigualdades sociais no território desse bioma.

Pensar em leis de recuperação desse bioma requer pensar as problemáticas socioambientais que envolvem os discursos, as práticas e os investimentos que o circundam. Mas, por outro lado, requer valorizar as experiências sociais desenvolvidas por universidades, Organizações Não Governamentais (ONGs), movimentos sociais e sociedade civil, que há décadas vêm desenvolvendo conhecimentos teórico-práticos de cuidados ao bioma Caatinga, a exemplo do projeto Reaatingamento, desenvolvido pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA).

O Reaatingamento iniciado há mais de dez anos atua no sentido de recuperar áreas de Caatinga com espécies nativas consolidando o valor da Caatinga em pé e ressignificando a ação antrópica sobre o bioma. Ele é “uma [...] metodologia de intervenção agroecológica baseada nos princípios da Convivência com o Semiárido” (IRPAA, 2019, p. 16) e nos aponta caminhos para a construção de um novo paradigma

e uma nova racionalidade sobre os bens naturais da Caatinga e que podem direcionar a criação de novos projetos institucionais e legislativos sobre a conservação e recuperação de áreas degradadas na Caatinga, bem como sobre as formas de perceber e enunciar discursos sobre o bioma, promovendo outras relações de afeto com as potencialidades e os desafios apresentados pelo bioma.

REFERÊNCIAS

Costa, D. R.; Mattos, S. H.; Bessa, M. J. C.; De Sá Perigoso, T. J. **Um estudo acerca do bioma caatinga: a prática de biopirataria e a sua biodiversidade**. XII Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental Salvador/BA – 08 a 11/11/2021. Disponível em <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2021/VI-003.pdf> Acesso em 24 nov. 2022.

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada, IRPAA. **Experiências de Recaatingamento no Semiárido Brasileiro**. Juazeiro: 2019.

PL 9076/2017. **Dispõe a conservação, a restauração e o uso sustentável do bioma Caatinga**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2162123>. Acesso em: 24 nov. 2022.

Sampaio, E. V. S. B.; Freitas, A. D. S. **Caatinga: descrição geral**. In: MOURA, F. de B. P.; SILVA, J. V. (Orgs.). **Restauração na Caatinga**. – Maceió: EDUFAL, 2017.